

#204

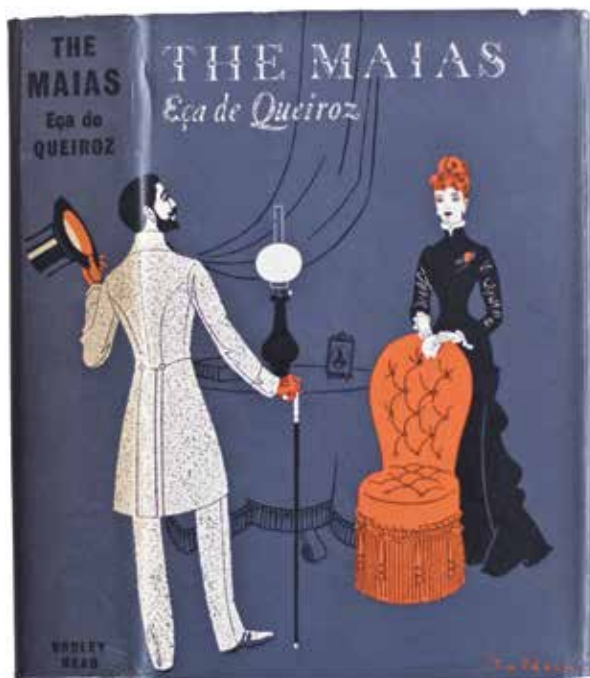
Eça e Os Maias
Gulbenkian Itinerante
24 Estórias. Entre Vizinhos

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



—
dezembro

Neste número



EDIÇÃO TRADUZIDA DE OS MAIAS © COL. LUÍS DOS SANTOS FERRO

4

Eça e Os Maias

Mais do que assinalar os 130 anos da edição de *Os Maias*, a que o seu autor chamou ainda, em 1888, *Episódios da Vida Romântica*, esta exposição revela momentos da vida e obra de Eça de Queirós. Apresentam-se objetos e obras de arte que evocam e revelam muito do universo queirosiano, repartidos por sete núcleos e organizados para que seja uma experiência "chique a valer".



LEÃO NUMA PAISAGEM DE FLORES, CERÂMICA, PÉRSIA, SÉCULOS XVII – XVIII © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – COLEÇÃO DO FUNDADOR

8

Gulbenkian Itinerante

Seis museus e galerias, outras tantas salas de concertos, integram esta iniciativa de mostrar a dimensão cultural da Fundação fora da sua Sede, em Lisboa. As obras do Museu Calouste Gulbenkian começam a ser exibidas este mês em Bragança, Sabrosa e Portimão, enquanto o Coro e a Orquestra Gulbenkian têm várias digressões nacionais e internacionais agendadas para este e para o próximo ano.

12

Música no Natal

Em dezembro, a música na Gulbenkian também se veste de Natal. Será assim nos três concertos programados para os dias **20, 21 e 22**, em que a dupla **Igudesman & Joo** promete muita animação e divertimento. As famosas gargalhadas de **Amadeus** vão também juntar-se à celebração, com a passagem do filme de Milos Forman a **13, 14 e 16**. Esta exibição inaugura o ciclo Música e Cinema, no qual as bandas sonoras são interpretadas ao vivo no Grande Auditório.



IGUDESMAN & JOO © D.R.

18

24 Estórias. Entre Vizinhos

Um projeto que começou entre vizinhos que não se conheciam, apesar de morarem na mesma freguesia – a das Avenidas Novas – há várias décadas. O Museu Calouste Gulbenkian foi o ponto de partida para criar esta instalação, exposta em dezenas de espaços públicos, que parte da Gulbenkian e se estende ao bairro envolvente. Histórias de vida e pedaços de memória que ajudam a diminuir a distância entre gerações.

20

A Gulbenkian e o cinema português

Da longa tradição de apoio da Fundação ao cinema português saem estas seis longas e seis curtas-metragens, a exhibir na Sala Polivalente da Coleção Moderna. A 3ª edição do ciclo A Gulbenkian e o Cinema Português tem agora curadoria de Francisco Valente e o tema “A intimidade e o país: um desejo de futuro”. Nestas páginas, conheça o exemplo de uma realizadora portuguesa em muitos “plateaux” internacionais.

Índice

Em destaque	4 Viagem ao tempo de <i>Os Maias</i>
Arte	8 Gulbenkian Itinerante 11 Uma outra coleção
Música	12 <i>Silent Night</i>
Atividades educativas	14 Natal é tempo de Descobrir
Notícias	15 Um artista entre cientistas 16 Doutoramentos IGC 16 Escola de Verão 17 Apoio à Saúde em Cabo Verde 18 24 Estórias. Entre Vizinhos 20 Sucesso do cinema português lá fora 22 O futuro alternativo que a Gulbenkian imaginou 23 Gulbenkian no Paris Peace Forum 24 O que fica de GermInArte
Ambientes	26 O Gosto dos Outros

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#204 — DEZEMBRO 2018 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — JOÃO ABEL MANTA, *ÊÇA DE QUEIRÓS* © COL. MUSEU DE LISBOA / CML — EGEAC / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Viagem ao tempo de *Os Maias*

A exposição Tudo o que tenho no saco, que comemora os 130 anos da grande obra do Realismo português, extravasa Os Maias para percorrer, em sete núcleos, a vida e toda a obra de Eça de Queirós.



EDIÇÃO TRADUZIDA DE OS MAIAS © COL. LUÍS DOS SANTOS FERRO

1888 – A vasta máquina!

O primeiro dos sete núcleos é dedicado a essa “*vaste machine* com proporções enfadonhamente monumentais de pintura *a fresco*, toda trabalhada em tons pardos, pomposa e vã”, como a descreveu Eça de Queirós, que em 1888 saiu à rua sob o nome de *Os Maias*. *Episódios da Vida Romântica*.

👁 Capas de várias edições d’*Os Maias*; cartas escritas pelo punho de Eça; retratos e caricaturas de época e a escrivãzinha de pé alto (com o tinteiro em latão e a palmatória de iluminação) onde Eça gostava de escrever.

Tudo o que tenho no saco. *Eça e Os Maias*

Curadoria: Isabel Pires de Lima
Exposição realizada em colaboração
com a Fundação Eça de Queiroz

Galeria do Piso Inferior, Edifício Sede
Entrada gratuita

Até 18 de fevereiro de 2019



RETRATO DE EÇA DE QUEIRÓS COM A CABAIA CHINESA, C. 1893.
© COL. FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIROZ

Aprendizagens

Percorre-se a vida de Eça antes d'*Os Maias* e a aprendizagem que foi armazenando na passagem pela Universidade de Coimbra, durante as estadias em Lisboa (fundamentais na sua formação literária e ideológica), com a experiência jornalística em Évora, enquanto funcionário em Leiria ou como turista pelo longínquo Oriente.

👁 Retratos variados; ilustrações de João Abel Manta; um manifesto dos estudantes de Coimbra; excertos do filme *O Mistério da Estrada de Sintra*; postais ilustrados do Canal do Suez e do Cairo; mapas e litografias d'aquém e d'além mar.

Guerra ao Romantismo

Eça é educado no culto do Romantismo, mas rapidamente se converte ao Realismo.

N'*Os Maias*, dá-lhe corpo através da personagem de Alencar, um poeta mais velho que se pauta por valores românticos e se torna alvo de toda a sua ironia. *As Farpas* são outro meio de mostrar esta sua vontade de "obrigar a multidão a ver verdadeiro".

👁 Várias edições d'*As Farpas*; retratos; ilustrações de Rui Campos Matos e Bernardo Marques; caricaturas de Rafael Bordallo Pinheiro; excertos do filme *Os Maias*, de João Botelho.



AS FARPAS © BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Norma e Desejo

A pintora Paula Rego dedicou a *O Crime do Padre Amaro* uma série de 16 pastéis que refletem temas que a mobilizam, como a violência do desejo ou o lugar de poder das mulheres. No quarto núcleo da exposição, mostram-se algumas destas obras e reflete-se sobre Eça que, apesar de reclamar o caráter moralizador do Realismo, foi acusado de escrever livros imorais.

👁️ Quadros de Paula Rego; excertos de vários filmes baseados em obras de Eça de Queirós.



ILUSTRAÇÃO PARA OS MALAS, DE BERNARDO MARQUES
© COL. LUIS DOS SANTOS FERRO



ILUSTRAÇÃO PARA O CONTO JOSÉ MATIAS, DE EÇA DE QUEIRÓS, JOSÉ MANUEL SARAIVA © COL. JOSÉ MANUEL SARAIVA

Olhares Cruzados

Apesar de ser “catalogado” como expoente do Realismo português, Eça não deixa de fugir da objetividade que o Realismo procura para expor vários olhares sobre a mesma realidade. Mestre na ironia (que dá azo à ambiguidade), recorre também ao sonho, à caricatura, ao excesso personificado por Eça, identificado como um *alter ego* do seu criador.

👁️ Quadro de Júlio Pomar; ilustrações de José Manuel Saraiva, Raquel Roque Gameiro, Rui Palma Carlos e Thomaz de Mello; fotogramas de vários filmes.



RAMALHO ORTIGÃO, 1880. RAFAEL BORDALO PINHEIRO, IN *ÁLBUM DAS GLÓRIAS*
© BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

A Arte é Tudo

Com fama de obsessivo perfeccionista em busca da palavra certa e da forma justa, Eça proclamou que “A arte é tudo — tudo o resto é nada”. Essa arte que o consome e o lança numa busca permanente pela perfeição também se espelha nas *toilettes* de dândi de muitas das suas personagens.

👁 Retratos variados e caricaturas de Rafael Bordallo Pinheiro.



EÇA DE QUEIRÓS NO JARDIM DA SUA CASA EM NEUILLY
© COL. FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIROZ

Lugares

Da América do Norte ao Próximo Oriente, do Douro ao Alentejo... a exposição torna fácil percorrer a geografia biográfica e ficcional de Eça. Embora tenha calcorreado o Mundo, Portugal permanece no seu coração e no centro das suas preocupações de cidadão empenhado e diplomata em exercício.

👁 Móvel-arquivo; cadeira “de Jacinto”; estante giratória; mesa dos espíritos de Eça; paisagens da época.

Gulbenkian Itinerante

As coleções do Museu Calouste Gulbenkian reforçam a presença fora de portas e podem ser vistas, a partir deste mês, em vários pontos do país. Conheça também as próximas itinerâncias nacionais e internacionais do Coro e Orquestra Gulbenkian.

Além da música, a Fundação Calouste Gulbenkian vai começar a mostrar sistematicamente as suas obras de arte pelo país, alargando o acesso do público às coleções do Museu Calouste Gulbenkian. Até 2020, as primeiras seis localidades que vão acolher obras do Museu são: Bragança, Sabrosa, Castelo Branco, Portimão, Sines e Tavira.

As duas primeiras expõem, desde o dia 1 de dezembro, uma ampla seleção de trabalhos reunidos sob o título *Corpo e Paisagem*. As mostras, patentes respetivamente no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais e no Espaço Miguel Torga, juntam obras da Coleção Moderna e peças adquiridas por Calouste Gulbenkian, de proveniências tão distintas como a Síria, a Turquia ou o Japão.

José de Almada Negreiros, Paula Rego, Alberto Carneiro, Ana Vidigal, António Areal, Antony Gormley, Costa Pinheiro, Helena Almeida, João Queiroz, Lourdes Castro, Manuel Botelho, Mário Eloy, Menez, Miguel Palma, Rui Chafes, Stanislas Lépine e Thomas Weinberger são alguns dos artistas da Coleção Moderna representados nos dois espaços.

Jorge da Costa, diretor do Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, enfatiza a longa relação estabelecida com a Fundação, que diz “evocar o emblemático programa das bibliotecas itinerantes”, permitindo que outros públicos, de norte a sul do país, tenham acesso à



CARLOS BOTELHO, BARCOS, 1948 © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN — COLEÇÃO MODERNA



PAULA REGO, O TEMPO - PASSADO E PRESENTE, 1990 © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN — COLEÇÃO MODERNA

coleção do Museu Gulbenkian. O diretor, que assume a curadoria da exposição, sublinha ainda o “diálogo estabelecido entre um número significativo de museus”, capazes de “potenciar futuros projetos em rede”. Jorge da Costa destaca também a oportunidade oferecida ao público da região, “que reconhece a marca Gulbenkian”, de entrar em contacto com um “dos mais sistemáticos conjuntos de obras de arte moderna e contemporânea portuguesa” e “uma das mais importantes coleções privadas de arte internacional.”

A partir do dia 8 é no Museu de Portimão que se apresenta a exposição *Lugares, Paisagens, Viagens* assente, igualmente, numa criteriosa escolha de obras das Coleções do Museu Gulbenkian. O diretor, José Gameiro, fala de uma “inspiradora parceria” também “potenciadora de um desejável e estimulante diálogo entre instituições culturais”. Aplauze o caminho de “continuada descentralização” da Fundação Gulbenkian, destacando ainda a “salutar cocuradoria” iniciada com esta exposição.

Programa completo de exposições até 2020

Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, **Bragança** e Espaço Miguel Torga, **Sabrosa** (1 dezembro 2018-24 março 2019), Museu de **Portimão** (8 dezembro 2018-3 março 2019), Centro de Artes de **Sines** (16 março-19 junho 2019), Centro de Cultura Contemporânea de **Castelo Branco** (6 abril-28 julho 2019) e Palácio da Galeria, **Tavira** (23 novembro 2019-23 fevereiro 2020).



ORQUESTRA GULBENKIAN EM DIGRESSÃO POR BARCELONA © D.R.

Coro e Orquestra fora de portas

A Orquestra Gulbenkian vai também cumprir um programa de digressões que a vai levar, no início do próximo ano, ao Centro Cultural das Caldas da Rainha e ao Centro de Artes de Águeda (24 e 25 de janeiro). Os concertos, com obras de Mendelssohn e Ravel, contam com um trio de intérpretes femininas composto pela maestrina Tianyi Lu, a violinista Carolin Widmann e a pianista Varvara.

No início do verão, sob a direção do seu maestro titular, Lorenzo Viotti, a Orquestra Gulbenkian realiza dois concertos no Porto: o primeiro na Casa da Música (19 de junho) e o segundo no magnífico cenário do Convento de São Francisco (20 de junho). O programa inclui o Concerto para Violino e Orquestra n.º 2 de Sergei Prokofiev, tocado por Leticia Moreno, e a 5ª Sinfonia de Tchaikovsky.

No início deste mês, o Coro Gulbenkian, dirigido por Pedro Teixeira, estará em Espanha para dois concertos *a capella*, na Fundación Juan March, em Madrid (dia 5), e na Sacra Capilla del Salvador, em Úbeda (dia 6), com um programa de obras da idade de ouro do *Cinquecento* Ibérico.

Em abril do próximo ano, nos dias 25 e 26, o Coro Gulbenkian junta-se à Orquestra Filarmonica de Estrasburgo, dirigida por John Nelson, para dar a ouvir *La Damnation de Faust* de Hector Berlioz. As récitas desta "lenda dramática", nas palavras do próprio compositor, têm lugar no Palais de la Musique et des Congrès de Bordéus, contando com um elenco composto por Joyce DiDonato, Michael Spyres, Alexandre Duhamel e Nicolas Courjal. Finalmente, no dia 21 de junho, no Auditório Adán Martín em Tenerife, o Coro interpreta *Um Requiem Alemão* de Johannes Brahms, uma obra que tem feito parte do repertório recente da formação. O Coro acompanha a Orquestra Sinfónica local, dirigida por Antonio Méndez.

Uma outra coleção

Este ano, a Biblioteca de Arte adquiriu uma das mais relevantes coleções particulares de livros de artista e de edição independente existentes em Portugal.



REPETIÇÃO, ANA TERÊNCIO, EXEMPLAR ÚNICO, S.D. © D.R.

A coleção, reunida por Catarina Figueiredo Cardoso entre 2007 e 2017, é composta por 5 070 obras, sobretudo de artistas portugueses contemporâneos, mas também de artistas estrangeiros que trabalham em Portugal ou cujas obras se relacionam com o país. Entre os diversos núcleos desta coleção destacam-se, pela sua relevância a nível internacional, a revista de artista *Plages: revue d'art contemporain*, que se publicou em Paris entre 1978 e 2011 e que contou com a colaboração de artistas portugueses em alguns números, e o núcleo de livros das Edições Pulcinoelefante, do italiano Alberto Casiraghi.

A coleção agora adquirida vem aumentar e enriquecer substancialmente o acervo de cerca de 600 títulos de livros de artista e edição independente da Biblioteca de Arte, a larga maioria de artistas portugueses contemporâneos como Ana Hatherly, José Escada, João Vieira, Lourdes Castro, René Bértholo, Alberto Carneiro, Leonor Antunes e Sílvia Prudêncio, entre muitos outros.

Catarina Figueiredo Cardoso é uma das fundadoras do www.tipo.pt – arquivo sobre livros de artista, objetos gráficos de natureza experimental, revistas e edições de autor, criados por artistas, *designers* e ilustradores portugueses, ou tendo Portugal como tema – e é editora, juntamente com a artista Isabel Baraona, do *Portuguese Small Press Year Book*, publicação anual em suporte impresso, iniciada em 2013, que compila os títulos de edição independente publicados em Portugal em cada ano.

A partir de 2019, os exemplares desta coleção serão progressivamente integrados no catálogo da Biblioteca de Arte e Arquivos, ficando disponíveis para consulta.

Silent Night

Amadeus com música ao vivo e o espetáculo Big Silent Night Music marcam um Natal diferente na Gulbenkian Música.



IGUDESMAN & JOO © D.R.

Igudesman & Joo é uma dupla famosa de instrumentistas que, com os seus espetáculos hilariantes, tem conquistado plateias em todo o mundo. O sucesso destes dois músicos, que se mostram pela primeira vez em Portugal, assenta no seu virtuosismo – Igudesman é violinista e Joo pianista – e nos registos que utilizam nos espetáculos, do erudito ao popular, temperado com muito humor.

O concerto que apresentam na Gulbenkian Música intitula-se *Big Silent Night Music* e realiza-se nos dias **20 e 21 de dezembro**. A grande procura de bilhetes levou ao agendamento de um concerto extra, no **dia 22**.

Após terem estudado na Yehudi Menuhin School, em Inglaterra, o russo Aleksey Igudesman e o britânico-coreano Hyung-ki Joo estabeleceram uma parceria artística que os tem feito correr mundo. O enorme sucesso do seu primeiro espetáculo – *A Little Nightmare Music* – projetou-os internacionalmente e inspirou novos concertos, como o que será apresentado no Grande Auditório.

Grandes intérpretes mundiais, muitos deles conhecidos do público da Gulbenkian Música, como Viktoria Mullova, Emanuel Ax, Gidon Kremer ou Mischa Maisky, entre outros, têm colaborado com esta dupla em diversos *sketches* musicais. Orquestras de topo como a New York Philharmonic ou a Chicago Symphony Orchestra também partilharam o palco com Igudesman & Joo em várias ocasiões.



AMADEUS © D.R.

Além de violinista, Aleksey Igudesman é compositor, maestro e ator. Com o multipremiado Hans Zimmer (vencedor do Óscar da melhor banda sonora com o filme *Rei Leão*) trabalhou na banda sonora do filme *Sherlock Holmes*, nomeado para um Óscar da Academia. Como pianista, Hyung-Ki Joo, estreou-se no Barbican Hall, em Londres, com a Orquestra Sinfônica de Varsóvia dirigida por Sir Yehudi Menuhin. Colaborou também com músicos famosos fora do circuito clássico tradicional como Vangelis ou Billy Joel, tendo trabalhado com este último no álbum *Fantasies and Delusions*. A paixão que confessa ter tanto por Mahler como pelos Monty Python inspirou o caminho que haveria de seguir com o seu colega de escola e que tem deliciado o público de todas idades e geografias.

Amadeus live

Amadeus é o primeiro de três clássicos do cinema que vão ser exibidos no Grande Auditório da Fundação, com música ao vivo interpretada pelo Coro e Orquestra Gulbenkian. Realizado por Milos Forman, o filme baseia-se na peça de Peter Schaffer que ficciona a relação entre Wolfgang Amadeus Mozart e Antonio Salieri, compositor da corte do arquiduque da Áustria. O maestro Ludwig Wicki dirige, mais uma vez, o Coro e a Orquestra Gulbenkian na interpretação da banda sonora do filme, a qual inclui excertos de obras-primas do genial compositor austríaco. Oportunidade para ver ou rever, no grande ecrã, um filme que venceu oito Óscares da Academia em 1985, entre os quais de Melhor Realização e Melhor Filme. Além das duas sessões programadas, nos dias **13 e 14 de dezembro**, foi entretanto agendada uma terceira sessão no dia **16 de dezembro**. Ao longo desta temporada, serão exibidos mais dois filmes com música ao vivo, *Stars Wars: Uma Nova Esperança*, de George Lucas, primeiro episódio da saga *A Guerra das Estrelas* (11, 12 e 14 janeiro) e *Tempos Modernos*, de Charlie Chaplin (17 e 18 de maio).

Natal é tempo de Descobrir

Este ano, o Museu Gulbenkian convida as crianças e jovens dos cinco aos 18 anos a dançar, esculpir e desenhar, num programa diferente para passar as férias.

As habituais oficinas de Natal do Museu Calouste Gulbenkian decorrem entre **17 e 20 de dezembro** e foram pensadas para explorar a dança e as artes plásticas com crianças e jovens dos 5 aos 15 anos, sobre um tema comum: a escultura. **“O que dura um voo”** e **Laboratório de escultura – variações tridimensionais** são, respetivamente, uma “oficina para corpos curiosos” e uma oportunidade para aprender e experimentar com diferentes técnicas, materiais e ferramentas de escultura. Ambas as atividades vão buscar inspiração à exposição *Pose e Variações. Escultura em Paris no Tempo de Rodin*, patente na Galeria de Exposições Temporárias até 4 de fevereiro. Com a duração de quatro dias, estas oficinas preveem a possibilidade de acompanhamento à hora de almoço (com venda de bilhetes para o efeito). A 17 de dezembro tem também início o ciclo **O desenho e o lugar**, uma novidade na programação do Descobrir que se estende até março de 2019 e que pretende explorar doze diferentes técnicas e materiais de desenho e pintura, em diálogo com vários cenários do Jardim e do Edifício Gulbenkian.

De dezembro a fevereiro experimentam-se as **técnicas secas**, do lápis de grafite ao pastel, passando pelo lápis de cor, a sanguínea, a caneta e o carvão. De fevereiro a março será a vez das **técnicas húmidas e mistas**. Um ciclo orientado por Mário Linhares para todos os jovens (dos 12 aos 18 anos) que se interessam pelo desenho: ver, perceber, criar, transformar. Os participantes podem comprar bilhetes avulsos para cada uma das técnicas ou para o ciclo inteiro. Saiba mais em gulbenkian.pt/descobrir



© GONÇALO BARRIGA

Um artista entre cientistas

Nos próximos seis meses, um cientista-artista em residência no IGC vai usar os dados gerados pelos investigadores para, através da inteligência artificial, criar obras de arte.



IGC © D.R

ALAgrApHY é o nome artístico de Alaa Abi-Haidar, que é tanto cientista como artista. Doutorado em Informática pela Indiana University (EUA), Abi-Haidar tem ainda um pós-doutoramento na Universidade Pierre e Marie Curie, em Paris. Atualmente, faz investigação em inteligência artificial e em ciência de dados, em Paris, mas paralelamente arranja tempo para se dedicar à fotografia, pintura e realização de filmes.

Nos últimos tempos, *ALAgrApHY* tem trabalhado como artista-cientista, explorando conceitos na arte gerada por máquinas; utiliza inteligência artificial e aprendizagem automática (*machine learning*), mais precisamente o *deep learning*, para ensinar as máquinas a criar arte.

As suas obras têm sido exibidas em vários locais, como o Salon Comparaison no Grand Palais, em Paris (onde exporá de novo em fevereiro de 2019), e no Salon d'Automne (conhecido por iniciar os movimentos do Cubismo e do Fauvismo) nos Campos Elísios. Neste último, *ALAgrApHY* ganhou o prémio de arte digital.

Um dos filmes premiados de *ALAgrApHY*, *A Arte e Ciência de Viajar*, foi exibido em julho do ano passado no Jardim de Verão.

Doutoramentos IGC

Candidaturas abertas

Até 15 de fevereiro, estudantes de todas as nacionalidades e com diferentes formações podem candidatar-se ao Programa de Doutoramento em Biologia Integrativa e Biomedicina do Instituto Gulbenkian de Ciência.

Os estudantes só terão de demonstrar a sua motivação e a paixão pela ciência para poder frequentar este programa de qualidade e longa tradição no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC). Destinado a encorajar e a desenvolver a criatividade intelectual e o espírito crítico, o Programa começa com um semestre de aulas para que os alunos explorem os avanços científicos mais recentes em várias áreas e tópicos. Cada curso é ministrado por especialistas vindos do IGC ou de outras instituições internacionais.

Findo o semestre, os estudantes são convidados a desenvolver projetos de investigação na área que mais lhes interessa, num laboratório do IGC.

O Programa em Biologia Integrativa e Biomedicina é organizado em colaboração com o Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB) – Universidade Nova de Lisboa, a Fundação Champalimaud e o Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA). Informações: wwwpt.igc.gulbenkian.pt/education/ibbprogramme

Escola de Verão



IGC © D.R.

O Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) abriu candidaturas para mais uma Escola de Verão, onde os estudantes de licenciatura podem ter uma experiência profissional em ciência.

Nesta Escola de Verão, os estudantes frequentam, durante uma semana, um curso intensivo em Ciências da Vida para depois integrarem um dos grupos de investigação do IGC. Aí desenvolvem um projeto curto com a duração máxima de dois meses. As candidaturas estão abertas até **31 de janeiro** do próximo ano.

Informações: wwwpt.igc.gulbenkian.pt/education/summerschool

Apoio à Saúde em Cabo Verde

Melhorar os cuidados de saúde na área da Oncologia em Cabo Verde é o objetivo do novo projeto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.



© D.R

As doenças oncológicas são a segunda causa de mortalidade em Cabo Verde, apenas superada pelas doenças cardiovasculares. O plano traçado até 2022 pelo Governo cabo-verdiano para o controlo do cancro vai contar com a ajuda da Fundação Gulbenkian no diagnóstico e tratamento. A assinatura do protocolo entre a Fundação, representada pelo administrador Guilherme d' Oliveira Martins, e o ministro da Saúde e da Segurança Social de Cabo Verde, Arlindo Nascimento do Rosário, aconteceu a 20 de novembro na cidade da Praia.

Com a assistência técnica do Ipatimup – Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto e dos Institutos Portugueses de Oncologia de Lisboa e do Porto, a Fundação vai intervir nos cuidados prestados nos hospitais centrais Dr. Agostinho Neto, na Praia, e Dr. Baptista de Sousa, no Mindelo, apostando na formação especializada de 21 técnicos cabo-verdianos, que farão estágios em Portugal, e na

formação de 34 profissionais em Cabo Verde.

No projeto está incluído o reforço do equipamento clínico especializado nos dois hospitais, na área do diagnóstico do cancro da mama e na administração de tratamentos quimioterapêuticos.

A Fundação Gulbenkian tinha já apoiado, entre março de 2016 e junho de 2017, o rastreio de base populacional do cancro do colo do útero que permitiu o teste das metodologias de rastreio a implementar a nível nacional. Envolvendo quase 2600 mulheres, foram detetados e tratados 174 casos de lesões pré-malignas, formados quatro médicos especialistas – dois ginecologistas e dois anatomopatologistas – e cinco técnicos de anatomia patológica. Foi dada formação especializada a 26 ginecologistas e 30 enfermeiros responsáveis pelo rastreio e instalado equipamento essencial ao diagnóstico e tratamento de pequenas lesões pré-malignas (colposcópios e aparelhos de eletrocirurgia).

24 Estórias. Entre Vizinhos

Até 7 de janeiro, a Fundação Calouste Gulbenkian e os bairros circundantes estão habitados por estórias dos seus moradores. São parte de um projeto que explora as relações entre memória, gerações e vizinhos na cidade.



© MÁRCIA LESSA

O projeto educativo Entre Vizinhos é desenvolvido pelo Museu Calouste Gulbenkian há dois anos com o objetivo de reforçar laços de vizinhança e comunidade, fazendo do Museu um espaço de encontros e partilha criativa. Em colaboração com a população sénior de três centros de dia da Freguesia das Avenidas Novas, as mediadoras Diana Pereira e Joana Andrade organizam visitas e atividades dentro e fora da Fundação desde 2017.

Este ano, desafiaram a artista plástica Ana João Romana a juntar-se ao projeto para, em conjunto, criarem, segundo a própria, “uma obra que pudesse ser mostrada no final deste processo”. Partindo das memórias que cada um tinha da Freguesia e da Fundação, a artista recolheu depoimentos dos 24 participantes (19 residentes das Avenidas Novas, três assistentes sociais e as duas mediadoras do Museu) e procurou trazê-los para o território da arte contemporânea.



ANA JOÃO ROMANA © MÁRCIA LESSA

Hoje, estas 24 *Estórias* existem sob a forma de uma instalação exposta em dezenas de espaços públicos que se estendem da Fundação Calouste Gulbenkian ao bairro envolvente, em 16 locais escolhidos a dedo pelos participantes: desde o café à barbearia, passando pela escola secundária.

Para Ana João Romana, “a questão da vizinhança na cidade é muito importante”, sobretudo para um grupo sénior (faixa etária acima dos 80 anos), que conheceu a freguesia num tempo em que “havia verdadeira vizinhança”. Por outro lado, Ana João afirma que “é curioso perceber como é que a freguesia tem pessoas que passaram toda a sua vida tão afastadas da Fundação — porque sentiam que era um sítio elitista ou que não eram bem-vindos, ou ainda porque tiveram uma vida de trabalho muito intensa — e só agora veem a possibilidade de usufruir deste espaço e perceber que também é deles”. Este foi e será um dos grandes objetivos do projeto: “fazer com que consigam rever-se aqui dentro, num espaço com que se identificam e que podem também partilhar com os outros”. É a pensar nisso que o próprio grupo organiza visitas guiadas à exposição: para que possam partilhar com outras pessoas da freguesia o projeto em que participaram.

Alimentar os laços de vizinhança dentro do bairro, combater o isolamento (grande parte do grupo já enviuvou e vive só), e fomentar a aprendizagem ao longo da vida são outras finalidades desta iniciativa, que beneficia muito da sua componente intergeracional: as mediadoras e assistentes, de uma geração mais jovem, trabalham em conjunto, num processo de mútua aprendizagem, com a geração mais velha.

Além da exposição, que estará patente até 7 de janeiro, as 24 *Estórias* estão compiladas num livro de artista, fruto de um trabalho coletivo que inclui retratos de Eduardo Sousa Ribeiro e reúne páginas duplas feitas por cada um dos participantes. O livro tem uma tiragem de 50 exemplares, para que todos os membros do projeto recebam o seu; os restantes serão enviados para outros museus de arte contemporânea em Portugal e não só, de forma a “pôr o livro a circular pelo resto do mundo”. É assim que o 24 *Estórias* chegará à Tate Modern, em Londres, ou ao MoMA, em Nova Iorque.

Sucesso do cinema português lá fora

A realizadora Laura Seixas, cujo percurso tem sido apoiado pela Fundação Gulbenkian, continua a colecionar prémios e nomeações em festivais internacionais.



LAURA SEIXAS © D.R.

Laura Seixas anda em festivais há já alguns anos. Ainda não chegou aos 30 e já levou filmes seus de Cannes a Nova Iorque, do Rio de Janeiro ao Vermont. Não é fácil, confessa. Mas a vida de jovem realizadora é assim mesmo. Escreve, filma, procura parcerias, vai onde estiverem os apoios, os contactos, o financiamento. Desta vez, Laura queria muito ir ao ITV Fest, um festival de televisão e cinema independente promovido pela Television Academy, em Nova Iorque, “conhecido por descobrir novas vozes, novos talentos. Um bom sítio para fazer contactos e procurar financiamento”, explica. O investimento para passar cinco dias de outubro no Vermont era grande mas pensou: “Já tive apoio da Gulbenkian duas vezes [para levar as suas curtas – *Belonging* e *Let there be light* – a festivais de cinema]...”; e decidiu arriscar. A ida valia o investimento e até já tinha pedido emprestado aos pais, “felizmente, a candidatura foi bem sucedida”, conta. O retorno, diz com imenso entusiasmo, “foi incrível!”. Conseguiu “contactos únicos” com todo o tipo de atores do ramo. Deram-lhe a oportunidade de enviar projetos seus para a Reel

One Entertainment, reuniu com representantes da Fox Digital (que procura novos realizadores), da HBO (de quem tem recebido conselhos e contactos preciosos), da BondIt, afiliada do Estúdio Buffalo8 (com a qual está a negociar financiamento para a sua longa-metragem *A carrinha*) e, entre outros contactos e aprendizagens, ainda foi escolhida para realizar, em 2019, uma longa-metragem (do escritor Matthew Preston) em Nova Iorque. A Fundação, diz, não a ajudou só a chegar até Vermont. Ter “o apoio de uma fundação como a Gulbenkian abre portas, muda a perspetiva que os executivos podem ter” de novos realizadores.

Laura Seixas tem 27 anos. Licenciou-se na Universidade Nova de Lisboa e tirou um mestrado na MET Film School, Londres, onde se deixou ficar. A Fundação acompanha o seu percurso desde cedo. Este ano, apoiou a sua participação no ITV Fest para a apresentação da minissérie cinematográfica *Dreaming Whilst Black* (nove filmes de 10 minutos cada, a adaptar para televisão – um conceito em voga nos Estados Unidos). Estreada em março, oito meses depois a série já tinha sido nomeada 22 vezes em 11 festivais em três continentes e várias vezes premiada. Entre os prémios recebidos, conta-se o de melhor realizadora no festival do Rio.



IMAGEM DO FILME DE CATARINA VASCONCELOS *METÁFORA OU A TRISTEZA VIRADA DO AVESSE*

Gulbenkian e o Cinema português

A história de Laura Seixas vale por si, mas serve também de exemplo do apoio que a Fundação dá à produção e internacionalização do cinema português contemporâneo. Trabalhos realizados à luz deste programa poderão ser vistos nos dois primeiros fins-de-semana de dezembro. O ciclo A Gulbenkian e o Cinema Português, que vai na sua 3.^a edição, tem curadoria de Francisco Valente e é dedicado ao tema “A intimidade e o país: um desejo de futuro”. Serão exibidos, com a presença dos seus realizadores, seis longas-metragens e seis curtas.

Por uma questão de acessibilidade, todos os filmes serão legendados em português e em inglês e terão tradução em Língua Gestual Portuguesa. A 7 de dezembro, haverá ainda audiodescrição.

O futuro alternativo que a Gulbenkian imaginou



ASPETO DA EXPOSIÇÃO ARTE E ARQUITETURA ENTRE LISBOA E BAGDADE © CARLOS AZEVEDO

A exposição *Arte e Arquitetura entre Lisboa e Bagdade*: A Fundação Calouste Gulbenkian no Iraque, 1957-1973 foi o ponto de partida para uma conferência promovida pela Fundação Gulbenkian na qualidade de membro da Future Architecture Platform, projeto cofinanciado pelo Programa Europa Criativa.

Dedicada ao Futuro Alternativo, a iniciativa contou com a participação de um conceituado artista e *designer* libanês, Mohamad Hafeda, que falou sobre um tema sensível – a negociação de conflitos. Hafeda coordenou também o *workshop* das cinco equipas de arquitetos internacionais que se candidataram a participar neste evento: Cartha, Suíça; Martin Pohl e Michael Kraus, Alemanha; Resolve, Reino Unido; TAB Collective, Áustria; e Tania Tovar Torres, México. Os trabalhos culminaram com uma apresentação pública das conclusões do *workshop*, seguido de um período de debate entre arquitetos e a audiência.

No final, Penelope Curtis, diretora do Museu Gulbenkian, levantou uma questão que resumiu o espírito da conferência: “[remetendo para a exposição que enquadrou esta iniciativa] que futuro alternativo pode ser encontrado, retrospectivamente, olhando para o programa que a Fundação Calouste Gulbenkian patrocinou no Iraque entre 1957 e 1973? Que futuro alternativo a Fundação terá imaginado?”

Gulbenkian no Paris Peace Forum

A iniciativa pretende pôr em prática soluções e dar respostas concretas aos desafios que se vivem à escala global.

A presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Isabel Mota, participou no primeiro Paris Peace Forum (Fórum de Paris para a Paz), evento que decorreu entre 11 e 13 de novembro e de que a Fundação é parceira desde a primeira hora, com instituições como a Fundação Rockefeller, a Ford Foundation, a Microsoft, o Parlamento Europeu, a Organização Internacional do Trabalho, a UNESCO, entre outros. Esta iniciativa do Presidente francês, Emmanuel Macron, juntou um grande número de atores da governança global com o intuito de reforçar o multilateralismo e a cooperação internacional. Marcaram presença neste encontro mais de 60 chefes de Estado e de Governo, representantes de instituições regionais, internacionais e multilaterais (entre as quais a ONU, a OCDE, o FMI, a Organização Mundial do Comércio e o Banco Mundial), de multinacionais e organizações não governamentais, peritos e sociedade civil, com o objetivo de debater e promover a ação em cinco grandes temas: Paz e Segurança; Ambiente; Desenvolvimento; Economia Inclusiva; e Novas Tecnologias.

Além das reuniões, debates e intervenções, aos quais o Fórum de Paris para a Paz imprimiu um formato inovador, foi ainda criado “O Espaço para Soluções”, para que pudessem ser apresentados 120 projetos com soluções concretas para os desafios da atualidade. Entre estes, conta-se o projeto The Expression Agenda, da organização não governamental Article 19, vencedora do Prémio Calouste Gulbenkian 2018.

No Fórum, que começou simbolicamente a 11 de novembro (data do centenário do Armistício da I Grande Guerra, celebrado ao mais alto nível), Emmanuel Macron quis recordar a urgência de agir e de encontrar soluções inovadoras para os desafios da governança, um propósito que requer ação concreta, liberdade de expressão e diálogo entre todos os atores.



O que fica de GermInArte

É o fim de quatro anos dedicados a semear o terreno do desenvolvimento educativo da primeira infância. O projeto coordenado por Helena Rodrigues fecha um ciclo, mas deixa muitos por abrir.

Qualificar recursos humanos para a primeira infância, desenhando e implementando modalidades de formação de caráter artístico e musical é o grande objetivo do “Projeto GermInArte – TransFormação Artística para o Desenvolvimento Social e Humano a partir da Infância”, uma parceria entre a Companhia de Música Teatral e o Laboratório de Música e Comunicação na Infância do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM-FCSH), que teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian entre 2015 e 2018. GermInArte concebeu e realizou iniciativas de formação – destinadas a educadores, músicos e outros artistas com interesse pela interação musical com bebés e crianças – que decorreram na Fundação Calouste Gulbenkian e percorreram todo o País. Helena Rodrigues é a responsável do projeto, juntamente com Paulo Maria Rodrigues e Paulo Ferreira Rodrigues. Formada em Música e Psicologia, acredita que a música “é uma linguagem muito intuitiva para

quem trabalha com bebés”. No rescaldo dos quatro anos de trabalho, Helena faz um balanço positivo e afirma haver ainda muito caminho para percorrer.

De onde parte esta vontade de trabalhar com profissionais da primeira infância?

Vem na sequência de um percurso iniciado em 1994, quando fiz os estudos de doutoramento com o Prof. Edwin Gordon. Desde essa altura, participei e lideriei iniciativas, dentro das práticas artísticas para a primeira infância, que abriram novas perspetivas em relação ao que a música pode fazer pelas pessoas, como BebéBabá (2001) ou o Projeto Opus Tutti (2010-2014). O GermInArte tem permitido aprofundar esse trabalho, fazendo-o reverter mais especificamente para o campo da formação.

Esta vontade parte também da consciência de que não se dá a devida importância à primeira infância, um período de desenvolvimento fantástico em que se aprende melhor e mais depressa. Normalmente, pensa-se sobre as questões do sucesso educativo quando já é demasiado tarde. Investir em relações de confiança e de afeto na primeira infância é investir no bem-estar de uma sociedade, e isto é algo que não tem preço. Acresce também que há muitas necessidades de formação, não só dos profissionais, mas também dos pais. Alguns tiveram infâncias pouco cuidadas, tendo internalizado modelos que não são os mais funcionais. Precisam, pois, de ser desafiados a experimentar outras vivências, a melhorar em termos pessoais e a desenvolver as suas *soft skills*. Faz falta as pessoas perceberem que têm uma responsabilidade muito grande e que está nas suas mãos fazer a diferença em termos educativos e relacionais.



© D.R.



© MÁRCIA LESSA

Se tivesse de destacar o melhor destes quatro anos, o que seria?

As pessoas. As pessoas que encontramos, que percebemos que aprendem e que querem educar e cuidar melhor. É uma alegria ver crescer as pessoas à volta — eu própria cresci e aprendi muito com o projeto. Vivi também momentos artisticamente bonitos e sensíveis, de grande harmonia.

Foi editado um livro e realizado um documentário. São parte do legado ou “migalhas” para continuar e seguir caminho?

As duas coisas. São um registo do que foi feito e esperamos que sirva de inspiração para outras pessoas; neste sentido funciona como na história em que as “migalhas” indicam um caminho. O livro tem um capítulo denominado “Germinado em Germinarte” — é a prova de que há ainda muito para fazer. Ideias não faltam. E não temos dúvidas que a arte, para além do seu valor intrínseco, tem também um imenso potencial como instrumento de desenvolvimento social e humano.

Como vê o futuro da intervenção artística na primeira infância?

Gostaria que este trabalho em que a Fundação tanto investiu perdurasse, quer por via das pessoas já formadas, como por via de iniciativas de entidades do sistema cultural, social, educativo. Gostaria de pensar que vamos encontrar condições para continuar a desbravar caminho e também para consolidar o que foi experimentado com sucesso. Temos partilhado as ideias desenvolvidas em GermInArte com parceiros nos EUA, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Finlândia e Reino Unido que apreciam o nosso trabalho, e é muito bom sentirmos esse reconhecimento. Creio termos encontrado conceitos e estratégias que podem ajudar a transformar.

Em termos de futuro, apostaria sobretudo na formação de lideranças. Tenho visto que uma instituição é muitas vezes o reflexo do seu líder; é por isso que é tão importante preparar bem as pessoas que ocupam cargos de poder e decisão, ajudando-as a compreender o seu sentido de responsabilidade e de missão. É essencial criar lideranças sensíveis.

Ambientes

Fotografia de Márcia Lessa





Mayra Andrade deu voz aos arranjos de Mário Laginha (acompanhado por Bernardo Moreira, Alexandre Frazão e Mário Delgado) para as dez canções da nossa vida. Um concerto memorável a encerrar uma tarde e noite de conversas à volta do Gosto dos Outros, uma iniciativa comissariada por Nuno Artur Silva.

GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa